



RELICI

A FICÇÃO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA FILOSOFIA¹

FICTION AS A TEACHING INSTRUMENT FOR THE TEACHING OF PHILOSOPHY

Rebeca Silva Santos Monteiro²

RESUMO

Atrair os discentes para o aprendizado da Filosofia não é uma tarefa fácil, mas há possibilidade de instigá-los utilizando diferentes métodos e recursos. Diversos fatores influenciam no afastamento do aluno em sua relação de amizade com a sabedoria, como a falta de identificação com os problemas filosóficos, a escassez de referências em pessoas que valorizam a área e a apatia gerada pela não coligação com o cotidiano. Os professores, então, precisam lidar com uma grande problemática: como alcançar os estudantes de maneira que ampliem sua bagagem teórica por meio dos conteúdos e, ao mesmo tempo, incentivar a percepção de que a Filosofia é parte intrínseca à vida? A ficção pode ser uma boa aliada nessa desafiadora missão, sendo possibilitadora da sintonia entre o imaginário e o real, podendo ser utilizada como instrumento didático dentro da prática pedagógica.

Palavras-chave: filosofia, ficção, cinema, educação.

ABSTRACT

Attracting students to learning Philosophy is not an easy task, however there is a chance to instigate them by using different methods and resources. Several factors influence the detachment of a student in his/her relationship of friendship with wisdom, such as the lack of identification with philosophical problems, the scarcity of references to people who value the field and the apathy generated by the non-coalition with everyday life. Teachers therefore need to deal with a great problem: How to reach students so that they widen the theoretical baggage through contents and, at the same time, encourage the perception that Philosophy is an intrinsic part of life? Fiction may be a good ally in this challenging mission by being enabled by the tuning between the imaginary and the real and may be used as a teaching tool within pedagogical practice.

¹ Recebido em 04/12/2022. Aprovado em 06/12/2022.

² Universidade Cruzeiro do Sul. rebecamonteirosagara@gmail.com



RELICI

Keywords: philosophy, fiction, cinema, education.

INTRODUÇÃO

Ensinar Filosofia não é tarefa simples. Das inúmeras dificuldades que um professor pode enfrentar, aquele que trabalha com essa disciplina lida com uma das maiores possíveis: a desvalorização, vinda de diferentes setores da sociedade. O cientista social Clayton Rodrigues aponta que há estratégias para o enfraquecimento processual da Filosofia, na tentativa de torná-la dispensável no currículo. A educação dentro do sistema capitalista tem a preocupação de formar trabalhadores que aceitem uma posição de subordinação, não indivíduos com autonomia intelectual. Dessa forma, fica evidente a razão da tentativa de desmonte de uma matéria voltada para o impulsionamento do senso crítico, pois como Marilena Chauí bem indica, um povo instruído é um povo que aumenta seu poder de reivindicação.

Por estarem envoltos na lógica da Educação Bancária, os alunos acabam sendo incentivados a despertarem interesse apenas pelas disciplinas que lhes “terão utilidade”, ou seja, as que são voltadas para a capacitação do indivíduo a fim de exercer funções no processo de produção. Uma pesquisa realizada pelo Instituto FSB Pesquisa registra informações acerca do Novo Ensino Médio, destacando o itinerário da formação profissional como o que mais gera interesse por parte dos estudantes. O mercado de trabalho parece ser um atrativo pós ensino médio, o que justifica ter o maior número de pretensão entre os discentes para a escolha dos itinerários. Assim, há um agravante na dificuldade enfrentada pelo professor de Filosofia: a alienação gerada pelo sistema alcança também os educandos.

Já que ensinar não é transferir conhecimentos, mas possibilitar sua construção, como o patrono Freire colocou, o docente precisa pensar em meios que provoquem o estabelecimento de ideias e que instigue a estruturação de



RELICI

concepções, não mais voltadas para o que disseram ser, mas para aquilo que o aluno consiga dizer que é. Torna-se necessário dispor de uma didática que fuja dos métodos antigos, que tire o aluno do inculcamento do mercado e traga-o para entender a si e a formar o seu projeto de vida.

Surge, então, o grande questionamento: como facilitar o processo de aprendizagem de forma que o estudante abrace e tenha interesse em despertar seu pensamento filosófico? O presente estudo pretende demonstrar uma proposta como possível resposta para essa indagação, mostrando o uso da ficção como instrumento didático para o ensino da Filosofia. A intenção é trazer histórias irreais como parceiras da disciplina, mostrando algo que Alessandro Reina constatou: a imagem percebida na experiência fílmica é capaz de fazer com que o pensamento adormecido seja despertado rumo à reflexão filosófica, ou seja, rumo ao ato de filosofar.

É importante frisar que o intuito do artigo não é levantar determinados cineastas como grandes proporcionadores de experiências filosóficas em seus filmes que são propositalmente criados para isso, mas de mostrar que a reflexão filosófica pode estar presente também em blockbusters, animes, desenhos, animações; ou seja, em produções que os alunos já consomem e gostam. O propósito é trazer aquilo que faz parte da realidade deles para um ambiente que motive análises mais aprofundadas sobre as obras que normalmente não seriam adjetivadas como geradoras de reflexão. Há um tanto de abordagem triangular em meio a isso também, mas que fique aqui só a citação para justificar a relevância do incentivo à leitura das imagens.

Depois de longas pesquisas bibliográficas e um pouco de experiência adquirida pela atuação docente, a disposição pelo tema desenvolvido surgiu como tentativa de atuar com uma prática pedagógica diferente; se é favorável a esse sistema que a didática gere ainda mais apatia para com a Filosofia, o contrário será



RELICI

85

feito. O papel do professor será discorrido logo à frente, assim como as razões pelas quais se faz necessário zelar pelo senso crítico dos educandos. A forma de utilizar a ficção como instrumento didático para o ensino da Filosofia contará com exemplos práticos que responderão ao como, pois houve a seleção de assuntos recorrentes nas aulas, que estão presentes nos currículos, e cada um deles será explanado utilizando o enredo de uma história fictícia como apoio.

O PROFESSOR DE FILOSOFIA

O educador possui vultosa responsabilidade enquanto formador de opiniões, cidadãos e, talvez o mais importante de tudo: de seres humanos. Atuando como docente na área das ciências humanas, a incumbência da construção de uma consciência crítica e de pensamento voltado para um mundo além do “eu” é imprescindível e elemento central na instrução do conhecimento. Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é exatamente essa área que deve promover e estimular uma formação ética, colaborando com a construção de um indivíduo apto a valorizar os direitos humanos e comprometido com o fortalecimento de valores sociais, consciente de que sua participação e protagonismo devem ser voltados para o bem comum, preocupando-se, precipuamente, com as desigualdades sociais. As Ciências Humanas precisam, ainda, oportunizar o desenvolvimento dos educandos para a formação de uma autonomia intelectual, gerando reflexões acerca do mundo de forma humanizada, respeitando a singularidade nos pontos de vista díspares.

Delimitando o tema precisamente para a área da Filosofia, há um grande enfrentamento de dificuldades em demonstrar a importância da disciplina – principalmente pela desvalorização vinda de pessoas públicas – e em atrair os discentes para o desenvolvimento de uma amizade com a sabedoria. De acordo com Stainback e Stainback (1999), a escola precisa ser um espaço aprazível e acolhedor, que viabilize o aprendizado com sucesso e qualidade. Dessa forma, é



RELICI

86

necessário dispor de métodos didáticos que aproximem os educandos, que evidenciem a aplicação do que será aprendido em sua vivência cotidiana e lhes dê a oportunidade de protagonismo, além de fazê-lo de maneira leve e agradável. Júlio Cabrera aponta que:

(...) para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vive-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir que nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando “entendemos” plenamente o enunciado objetivo do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente entendido (CABRERA, 2006).

Assim sendo, não basta apresentar a Filosofia em todas as suas faces e esperar que automaticamente o aluno seja instigado por isso, afinal, como entender algo que não se vive ou não é diretamente ligado ao percebido no dia a dia? Paulo Freire trouxe observações acerca da habitual proposta didática da escola, que é, “de modo geral, acalentada ela mesma pela sonoridade da palavra, pela memorização dos trechos, pela desvinculação da realidade, pela tendência a reduzir os meios de aprendizagem às formas meramente nocionais, sendo esta uma posição caracteristicamente ingênua” (FREIRE, 1967). A tentativa de reduzir o ensino a mera reprodução para garantir aprovação em uma prova está fadada ao fracasso, exatamente porque não há vinculação emocional ou qualquer atrativo para os ouvintes, sem contar que a formação de seres críticos não é feita por meio de “professor-fala-aluno-repete”, mas sim professor mostra caminhos, aluno desbrava e observa o mundo à sua maneira própria.

“Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não (...) lhe propicie condições de verdadeira participação” (FREIRE, 1967). O propósito é trazer as experiências e percepções dos discentes, relacionando a filmes que assistam e gostem para que se sintam confortáveis ao explorar o novo. Aristóteles, no livro I de *A Metafísica*, diz que “de todos os sentidos, é a visão o que melhor contribui para o nosso conhecimento das coisas e o que



RELICI

87

revela uma multiplicidade de distinções” (ARISTÓTELES, 2002). Immanuel Kant aponta que “sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado” (KANT, 1980), conectando a experiência sensível ao pensamento lógico. A imagem é capaz de gerar reflexão, mas não dá para esperar que o aluno descubra isso sozinho; o professor precisa incentivar o processo de leitura, levantar questionamentos, apontar o que talvez não consiga perceber se o não mostrarem.

OS CONTOS SOBRE PRINCESAS E O DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO

Diversos são os motivos para construir e desenvolver um senso crítico. Paulo Freire, por exemplo, defende que “(...) a criticidade da consciência é indispensável à nossa democratização. (...) Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra. (...) é precisamente a criticidade a nota fundamental da mentalidade democrática” (FREIRE, 1967). O senso crítico leva o indivíduo a uma apuração do pensamento, tornando-o mais reflexivo e questionador, aprimorando suas capacidades intelectuais. Têm-se, então, duas palavras-chave: refletir e questionar. As histórias fictícias sobre princesas, por exemplo, servem para o exercício de ambas.

Na história da Branca de Neve, é provável que muitos conheçam o enredo: o pai, rei e viúvo, casa-se com uma bela mulher sem saber que era uma bruxa. A então madrasta era uma rainha má, obcecada por seu espelho mágico que lhe dizia quão bonita era. Um dia, o espelho responde que Branca de Neve é a mais bela de todas e a rainha se enfurece; manda, então, um caçador matar a menina e levar seu coração como prova do assassinato. O caçador, encantado pela beleza de Branca de Neve, não tem coragem de concretizar o solicitado e a incentiva a fugir para o mais longe possível. Ela corre, até que se depara com uma pequena casa no meio



RELICI

88

da floresta. Decide entrar, percebe toda a bagunça ali presente e passa a ordenar as coisas. A casa pertencia aos sete anões, que chegaram do trabalho e avistaram a moça dormindo em suas minúsculas camas; a recebem de bom grado e deixam-na permanecer na casa. A rainha volta a perguntar ao seu espelho quem é a dama mais bela e ele ainda lhe responde que é a jovem branca como a neve. A bruxa, furiosa, preparou uma maçã envenenada e deu para a garota, que, ao morder a fruta, caiu em sono profundo. Os sete anões colocam-na em um caixão de cristal e sofrem pelo luto. Ao repararem no ambiente, perceberam que havia chegado um príncipe, que encarava a jovem de forma apaixonada. Ele beija Branca de Neve, que acorda da paralisia e corresponde ao sentimento do rapaz.

A questão é: mas de que forma uma ficção infantil desperta a reflexão e o questionamento? Pós descrição do conto, é indispensável o estímulo de uma análise dos fatos ali narrados e o incentivo da formulação de questionamentos sobre a trama. Por exemplo: A rainha muito consultava seu espelho para ouvir que é bela. Não é tóxica ou minimamente estranha a necessidade de aprovação vinda do espelho que a rainha tem? Ter um complexo de inferioridade por causa de sua aparência é saudável? Os anões aceitaram tão facilmente uma moça jovem e bonita, que limpa a casa e cozinha para eles... Por que será? Branca de Neve, inconsciente em um caixão recebe um beijo de um desconhecido que se apaixona por ela porque a achou bonita. É algo normal ou correto de se acontecer? E assim seguem as indagações.

É possível utilizar as histórias de princesas da Disney como incitadoras de reflexão. Várias outras podem servir para o mesmo intuito: Cinderela, que é maltratada por sua madrasta e meias-irmãs servindo como uma espécie de criada, vive em um ambiente de constante rivalidade feminina. É convidada para um baile onde o príncipe, por ser príncipe, vai escolher sua esposa dentre todas as mulheres ali presentes; Mulan, que sentia o sexismo na pele e era desprezada por não ser o



RELICI

89

que a sociedade espera de uma mulher, ainda mais de uma que precisa se casar; Bela, que se apaixona pela fera que lhe aprisiona e a trata de forma rude - estado psicológico visto na Síndrome de Estocolmo; Aurora, que recebe um beijo “apaixonado” enquanto desacordada; Merida, que é obrigada a se casar para cumprir com “suas obrigações” e precisa lutar por sua própria mão... Dentre as outras que também poderiam ser citadas com seus contos passíveis de dúvidas sobre os finais felizes.

AVATAR: A LENDA DE AANG E KORRA E A REPRESENTAÇÃO DAS FORMAS DE GOVERNO

A apatia política obscurece e distancia o estudante de um real aprendizado sobre o assunto. Enquanto professor de Filosofia, a que alternativa pode-se recorrer para tentar reduzir o desinteresse ou, ao menos, conseguir uma abertura para tratar do assunto? Uma opção dentro dos enredos fantásticos é a série animada Avatar, que traz representações políticas durante boa parte de sua trama, podendo ser utilizado para fazer uma representação das formas de governo.

Democracia

Em *A Lenda de Korra*, quando se inicia a série, é apresentada uma capital instituída pelo avatar Aang que simboliza a conciliação das várias nações desse mundo fictício: a Cidade República. De acordo com Silva e Nogueira:

“A democracia é o regime político através do qual se garante as liberdades individuais do povo que elege seus representantes através de eleições livres. Nos regimes democráticos, os três poderes (executivo, legislativo e judiciário) são independentes e possuem a mesma força (SILVA, NOGUEIRA, 2014).



RELICI

90

A representação de democracia é explícita, principalmente porque conta com aparições do presidente da República e pela demonstração da fragilidade democrática quando ideais totalitários e autoritários começam a emergir.

Comunismo totalitário

O primeiro grande vilão de *A Lenda de Korra*, Amon, é líder dos Igualistas – sendo esta uma organização que supõe o mundo de uma forma mais justa se todos fossem iguais, tomando medidas para que a existência de dobradores fosse extinta, assim como de certos privilégios por parte de alguns. Pode-se comparar Amon com Joseph Stalin por algumas características descritas por Aranha e Martins quanto ao totalitarismo stalinista: “(...) um partido único onipotente, a ausência da liberdade de expressão, a perseguição aos dissidentes (...)” (ARANHA, MARTINS, 2009).

Assim como nas palavras do escritor Alexander Soljenitsin, descritas pelas autoras supracitadas, que se referia a Stalin como:

Egocrata, o ser todo poderoso que apaga a distinção entre a esfera do Estado e a da sociedade civil. Sua atuação fez com que o partido, onipresente, se incumbisse de difundir a ideologia dominante em todos os setores de atividades (ARANHA, MARTINS, 2009).

É notável, através das ações de Amon, a posição de líder populista que conta com a mobilização popular como suporte e uma ideologia de base que afirme a concepção de uma nova sociedade – características também vistas em governos totalitários.

Anarquia

O vilão Zaheer, presente nas temporadas três e quatro de *A Lenda de Korra*, faz parte da Ordem do Lótus Vermelho: grupo que visa uma sociedade sem a presença de qualquer forma de governo e de líderes, incluindo o próprio Avatar (visto que este representa o equilíbrio do universo, tornando-se a maior



RELICI

representação de liderança na trama). De acordo com Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins:

O princípio que rege o anarquismo é a preferência por alternativas de organização voluntária em oposição ao Estado (...). Na sociedade anarquista a ordem natural expressa-se pela autodisciplina e cooperação voluntária e não pela decisão hierárquica (ARANHA, MARTINS, 2009).

Os ideais (e ações) do dobrador podem ser citados como exemplo de anarquia pelo desejo da dissolução de um Estado opressor, expressa até em sua famosa frase “*A Ordem natural é a desordem*”.

Fascismo

A última temporada de toda a série *Avatar* prossegue retratando elementos políticos, apresentando a ideologia de Kuvira, líder militar da cidade de Zaofu, que renega o clã de metal para seguir seus próprios ideais. Chamada de “grande unificadora”, a personagem traz uma abordagem patriota em uma liderança marcada por imposições e resolução de conflitos em forma autocrática. A conduta fascista fica ainda mais explícita quando os dissidentes de seu governo eram mandados para os “campos de reeducação”, na tentativa de refrear qualquer antagonismo. Segundo Kurt Vonnegut:

Fascismo era uma filosofia política bastante popular que tornava sagrada a nação ou a raça à qual o filósofo calhava de pertencer. Ela exigia um governo autocrático e centralizado, comandando por um ditador. O ditador tinha que de ser obedecido, independentemente do que mandasse alguém fazer (VONNEGUT, 1973).

A ascensão de Kuvira faz alusão ao que aconteceu nas décadas de 30 e 40, referenciando os governos nazifascistas da Itália e Alemanha. Aranha e Martins enumeram algumas características sobre tais regimes que também se encaixam no proposto pela vilã:

(...) Não havia pluralismo partidário (...), o partido único rigidamente organizado e burocratizado, promovia a identificação entre o poder e o povo. (...) A disciplina era exaltada, e a figura do chefe, mistificada. Os



RELICI

92

poderes (...) estavam subordinados ao Executivo. (...) Campos de concentração e de extermínio, como o de Auschwitz, na Polônia (ARANHA, MARTINS, 2009).

A CONDENAÇÃO EM SER LIVRE E OS ENREDOS FICTÍCIOS

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre aduz que o homem está condenado a ser livre, "condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer" (em *O existencialismo é um humanismo*, 1978, p. 9). Nas palavras de Ari Herculano de Souza, "a liberdade, para Sartre, significa criar a si mesmo, sempre assumindo o compromisso social pela responsabilidade de seus atos" (SOUZA, 2016).

Seguindo na busca de uma didática mais divertida para o ensino da Filosofia, o filme *Homem Aranha*, de 2002, traz uma perspectiva de reflexão sobre o ato livre e responsável. Na trama, Benjamin, tio de Peter Parker, foi assassinado por um ladrão que Peter recusou-se a prender depois de um assalto em um ginásio de luta. Ao ver o tio baleado, o rapaz persegue o bandido e o encontra em um armazém abandonado; O herói o reconhece como aquele que ele permitiu escapar do furto e lembra-se do que tio Ben havia lhe dito: "com grandes poderes, vem grandes responsabilidades".

Peter, o Homem Aranha, decidiu deixar o ladrão escapar, visto que sua liberdade possibilita o poder de escolhas; Entretanto, a culpa pelo que aconteceu a seu tio cai sobre si porque a responsabilidade pelo acontecido sucedeu-se por sua opção.

Outra possibilidade que também traz uma relação entre liberdade de escolha e as consequências de tal é *Princesa Mononoke*, filme de animação japonês produzido pelo Studio Ghibli. Na história, há uma vila que vive da extração do minério de ferro que é obtido da Floresta dos Antigos Deuses Animais, que no processo, é alvo de desmatamento. A escolha dos humanos de produzir em busca



RELICI

93

de riquezas, derrubando parte da floresta, sem pensar nas criaturas ou no próprio meio ambiente, gera a maldição denominada Tatarí Gami, onde algum animal é amaldiçoado e ataca as pessoas na tentativa de proteger seu lar. As consequências da ambição humana, no desenho, geram atrocidades contra a natureza, chegando a deixá-la, em sua maior parte, morta.

ALGUNS EXEMPLOS A MAIS QUE PODEM CONTAR COM A NARRATIVA FÍLMICA COMO SUPORTE

A ficção como instrumento didático para o ensino da Filosofia abre um leque de possibilidades quanto a uma proposta que consiga ser atrativa para os alunos. Inúmeras opções podem ser trabalhadas em aula: *A Fantástica Fábrica de Chocolate* para exemplificar o que aconteceu com os trabalhadores na Revolução Industrial (visto que o pai de Charlie, personagem principal, foi demitido, substituído por uma máquina e vivia em situação de extrema pobreza); *Into the Wild - Na Natureza Selvagem*, que traz como reflexão a frase “a verdadeira felicidade só é real quando compartilhada”, podendo fazer parte da conceituação política aristotélica; *Alice no País das Maravilhas*, que traz em constante a transformação (devir); *Star Wars*, que apresenta uma República e uma Ordem Imperial, havendo uma Aliança Rebelde como oposição ao controle do Império.

A viagem de Chihiro, animação do Studio Ghibli, traz em sua trama um personagem deveras intrigante: o sem rosto. Ele serve como uma representação de como a personalidade do ser se transforma de acordo com quem está perto. Pode ser utilizado para exemplificar os fatos sociais de Émile Durkheim ou para adentrar nas percepções filosóficas sobre amizade, onde filósofos como Platão, Aristóteles e Agostinho de Hipona fizeram seus apontamentos. *Attack on Titan*, anime japonês inspirado em uma série de mangás, consegue ilustrar bem como interesses políticos deixam à margem aqueles que não pertencem ao centro do jogo de poderes, além



RELICI

94

de trazer uma percepção sobre como a desigualdade social influencia até o bem-estar da população; quanto mais marginalizado, mais medos e preocupações o indivíduo possui.

Tantas outras obras poderiam ser citadas com o mesmo intuito: trazer a ficção para cativar o aluno com algo que pertence a seu cotidiano, mas mostrando seu potencial reflexivo. Independentemente do filme, essas experimentações devem ser capazes de ilustrar para os discentes que absolutamente tudo está passível de análise, basta estar aberto à experiência e treinar o olhar para fazer a leitura das imagens. Pode não ser uma didática revolucionária, mas é uma forma de despertar o senso crítico - e isso sim é revolucionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista das dificuldades de trazer a Filosofia de forma que cativa os alunos, a postura do educador da área deve voltar-se para soluções da problemática, considerando a importância da matéria para a formação de cidadãos e de uma sociedade inquieta, que não aceita convenções sociais nem se contente com informações sem prévia reflexão. A propositura da utilização da ficção na narrativa fílmica é feita porque a linguagem cinematográfica pode despertar as ideias em busca de uma análise filosófica, direcionada ao ato de filosofar; com ela, é possível haver uma interligação entre o imaginário e o real, podendo levar a uma identificação com a história contada.

Ainda que inseridos em um sistema que não privilegia a autonomia intelectual, a docência não pode se submeter a esse desvio de princípios gerando ainda mais apatia para com disciplinas que têm o papel de crescer na cultura, na ética e na criticidade do indivíduo. A inquietação abordada anteriormente deve existir primeiro em quem tem o papel de ensinar, para que sua prática seja libertadora e se distancie cada vez mais do que garante a manutenção do status-quo. O aluno não é



RELICI

depósito das expectativas revolucionárias, a transformação que o sistema precisa começa no professor.

O tema proposto no artigo tem importância pela necessidade de abranger as experiências e gostos dos discentes dentro do conteúdo para que se sintam parte integrante do desenvolvimento filosófico em sala de aula, visando a facilitação do ensino e real formação de uma consciência crítica, capaz de utilizar diferentes meios para a análise e questionamento sobre o mundo. Não é sobre escolher obras específicas que são propositalmente criadas visando uma reflexão, mas transmitir que o apreço pessoal dos educandos por determinadas produções também são potenciais geradores de pensamento perscrutador.

A Filosofia se faz pela coragem de pensar. Muitas teorias possuem nomes difíceis ou incomuns, o que acaba gerando no aluno a sensação de que é algo de inalcançável entendimento, mas não é. Os discentes também podem ser amigos da sabedoria, sem a necessidade de projetar nomes mirabolantes e pitorescos; basta a reflexão. É por meio desta que se fará cumprir a proposta da BNCC de promover um ser dono de si, com capacidade de pensar e buscar um projeto de vida, sabendo que sua individualidade é respeitada e abraçada, mas que o bem comum deve ser a prioridade para a construção de uma sociedade melhor para todos.

A prática do que foi projetado nesta pesquisa deve auxiliar o docente na área da Filosofia ao manifestar opções para um despertar de interesse no que for trabalhado em sala de aula. Os objetivos traçados de apresentar uma ficção retratada cinematograficamente e demonstrar que seu enredo pode trazer reflexões filosóficas foi ilustrado da maneira esperada. Que a pretensão seja útil a todos os amigos da sabedoria que se preocupam com a didática para o ensino da Filosofia com êxito.



RELICI

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. – 4. Ed. – São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica Livro I*, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

CABRERA, Júlio. *O Cinema Pensa: uma introdução à Filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004. 176 p.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*. São Paulo: Ática, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Cinema II: a imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Tradução Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Ed. Bilingue.

REINA, Alessandro. *Filosofia e cinema: o uso do filme no processo de ensino aprendizagem da filosofia*. Curitiba: UFPR, 2014. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/35789/R%20-%20D%20-%20ALESSANDRO%20REINA.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 set. 2020.

SAGE, Daniel D. Estratégias administrativas para a realização do ensino inclusivo. In STAINBACK, Susan Bray; STAINBACK, William C. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999. (129-141).



RELICI

97

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Tradução: João Kreuch. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, José Ferreira da; NOGUEIRA, Nonato. Filosofia: a moral da questão: investigação sobre ética e adolescência – 1ª Edição. Editora Edjovem: Fortaleza, 2014. (Projeto Ethos)

SILVA, José Ferreira da; NOGUEIRA, Nonato. Filosofia: O Mundo da Prática: Investigando o filosofar, a arte, a política, a cidadania, a comunicação, o trabalho e o consumo – 1ª Edição. Editora Edjovem: Fortaleza, 2014. (Projeto Ethos)

VONNEGUT, Kurt. Café da manhã dos campeões. Tradução: André Czarnobai. Editora Intrínseca, 2019.